



LAÇOS EM NÓS: LÍNGUA QUE ACOLHE

Pietra Da Ros

Universidade Feevale
pietradaros@icloud.com

Samanta Foss

Universidade Feevale
saa.foss@gmail.com

Laura Ribero Rueda

Universidade Feevale
laurarueda@feevale.br

Lovani Volmer

Universidade Feevale
lovaniv@feevale.br

Resumo

Considerando a extensão universitária fator de importante contribuição para a formação docente, o presente relato apresenta, com enfoque no ensino do português como língua de acolhimento para o grupo de migrantes beneficiado pelo projeto “O Mundo em NH: refugiados e migrantes – uma questão de Direitos Humanos”, os saraus intitulados “Nós” e “Laços”, que unem o ensino da língua à construção identitária e ao reconhecimento de vínculos. Essas vivências formam, transversalmente, futuros professores, reconhecendo a relevância do conhecimento que os alunos levam para a sala de aula, valorizando a autonomia no processo de ensino-aprendizagem e unindo o que é ensinado à vida de cada um.

Palavras-chave: Construção Identitária; Vínculos Afetivos; Língua de Acolhimento; Extensão Universitária.

BONDS AMONG US: LANGUAGE THAT SHELTERS¹

Abstract

Considering the university extension as an important contribution to teacher education, the currently report presents, focusing on the teaching of Portuguese as a shelter language for the group of migrants benefited by the project “O Mundo em NH: refugiados e migrantes – uma questão de Direitos Humanos”, the soirees entitled “Knots” and “Ties”, linking language teaching to identity building and to the recognition of bonds. These experiences form, transversally, future teachers, recognizing the relevance of the knowledge that students bring to the classroom, valuing autonomy in the teaching-learning process and uniting what is taught to the life of each one.

Keywords: Identity Construction; Affective Ties; Host Language; University Extension.

LAZOS EN NOSOTROS: LENGUAJE QUE ACOGE²

Resumen

Considerando la extensión universitaria como un factor de importante contribución para la formación docente, el actual relato presenta, con enfoque en la enseñanza del portugués como lengua de acogida para el grupo de migrantes beneficiado por el proyecto “O Mundo em NH: refugiados e migrantes - uma questão de Direitos Humanos”, los llamados eventos “Nudos/nosotros” y “Lazos”, que unen la enseñanza de la lengua a la construcción de identidad y al reconocimiento de vínculos. Estas experiencias forman, transversalmente, futuros profesores, reconociendo la relevancia del conocimiento que los alumnos llevan al aula, valorando la autonomía en el proceso de enseñanza-aprendizaje y uniendo lo que se enseña a la vida de cada uno.

Palabras clave: Construcción Identitaria; Vínculos Afectivos; Lengua de Acogida; Extensión Universitaria.

¹ Tradução livre; não há palavra em inglês que possa ter referência, ao mesmo tempo, ao pronome “nós” e aos “nós” físicos.

² Tradução livre; não há palavra em espanhol que possa ter referência, ao mesmo tempo, ao pronome “nós” e aos “nós” físicos.



VIVÊNCIAS EXTENSIONISTAS

A extensão universitária é um dos pilares da Universidade FEEVALE, acompanhada pela pesquisa e pelo ensino e, apesar de visualizar pilares como vigas afastadas, desde a primeira participação em projetos é possível compreender que andam, os três, de mãos dadas. Por si, a extensão conversa com a comunidade e, como uma via de mão dupla, todos se beneficiam.

Sobre a relação entre extensão e formação acadêmica, Manchur et al (2013, p. 338) afirma: “a extensão possibilita ao acadêmico a experiência do contato entre o aprendizado na Universidade e a aplicabilidade de sua profissão na sociedade, conhecendo a prática de sua profissão” e, acompanhando este ponto de vista, Silva (2010) salienta que a extensão universitária, ao longo da história da universidade brasileira, vem se caracterizando como ferramenta primordial à formação acadêmica, contribuindo, em especial, à transmissão do conhecimento acumulado por aqueles que dela participam.

Três por cento da população mundial reside fora de seu país de origem ou de nacionalidade (FARENA, 2008). Uma vez que o Brasil é signatário da Convenção da ONU de 1951, relativa ao Estatuto do Refugiado, compromete-se internacionalmente a prestar auxílio humanitário aos refugiados em temas como moradia, educação e direito ao trabalho. O número expressivo de migrações da última década trouxe, consigo, a necessidade da criação de projetos que acolhessem esse público e promovessem a inserção social.

Em 2015, partindo dessa premissa, a Coordenadoria de Promoção de Políticas de Igualdade Racial procurou a Universidade FEEVALE para que fossem pensadas ações de cunho social que tratassem dessa demanda que chegava, especialmente, na região do Vale dos Sinos, RS. Um migrante proveniente do Senegal participou das reuniões e teve uma forte voz em relação às necessidades dessa população. De acordo com Cogo (2013), faz-se necessário avançar na ideia de cidadania e ver esse migrante como alguém que pode contribuir com sua cultura e experiência.

Em 2016, foi criado, buscando a promoção de uma cultura de paz e tolerância, o projeto de extensão “O Mundo em NH: refugiados e migrantes – uma questão de Direitos Humanos”, que promoveu, até o ano de 2021, oficinas semanais de Língua Portuguesa e, quinzenalmente, oficinas de Direito, Psicologia, Realidade Brasileira e Fotografia/Criatividade. Posteriormente, “O Mundo em NH” aliou-se a outro projeto, criando o projeto Integrado “Centro de Educação em Direitos Humanos – CEDUCA DH”, e as atividades seguem acontecendo atualmente.

As oficinas que serão destacadas ao longo do trabalho contribuem na formação de futuros professores, uma vez que são ministradas por acadêmicas do curso de Letras e Artes Visuais, orientadas por professoras dos mesmos cursos.

Laços em nós: língua que acolhe

Conforme Manchur (2013, p.335), “a extensão favorece o contato direto para o desenvolvimento da prática docente, que possibilita o desenvolvimento de metodologias de ensino que potencializam a sua formação acadêmica.”

A valorização dessa prática chega em um piscar de olhos, quando o acadêmico extensionista se questiona: “que diferença teria se eu me graduasse sem ter feito atividades extensionistas?” A sala de aula ensina e, apesar dos anos como aluno de educação básica, estar na posição de docente, sendo orientado em seus passos por um professor que o conduz à reflexão do porquê de sua atuação e de seu planejamento serem como são, permite que tenha uma base firme e um acúmulo de experiências que levam ao preparo profissional. Preparo, este, que talvez levasse anos a ser alcançado após a formatura.

O acadêmico compreende, na prática, uma quebra de conceitos por vezes inesperada. Entende que, em uma aula, não ocorre transmissão de conhecimento, mas que o docente é, naquele ambiente, um mediador entre o aluno e o que está sendo tratado. Entende, igualmente, que, enquanto o aluno aprende, o professor aprende também, concordando com Freire (1996, p.41), que diz:

Creio poder afirmar [...] que toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina, daí o seu cunho gnosiológico; a existência de objetos, conteúdos a serem ensinados e aprendidos, envolve o uso de métodos, de técnicas, de materiais; implica, em função de seu caráter diretivo, objetivo, sonhos, utopias, ideais. Daí a sua politicidade, qualidade que tem a prática educativa de ser política, de não poder ser neutra.

No projeto “O Mundo em NH”, é interessante analisar como a dinâmica acontece. Quando o português é língua de acolhimento, entende-se que a língua é determinante para uma inserção oficial efetiva e, conforme Bakhtin (1999; 2003), é também sinônimo de identidade. O ensino de línguas, que nunca deve ser reduzido apenas ao ensino da gramática, mas ao seu contexto, seu uso, sua origem e sua diversidade, é reforçado por um vínculo professor-aluno diferente, que compreende novas necessidades vindas dos indivíduos com quem trabalha. Conforme Brolezzi (2014, p.5), “a empatia seria então uma atividade preponderantemente do professor, a quem caberia o papel de compreender e olhar o aluno por dentro”.

LAÇOS EM NÓS

Foi com base na importância do reconhecimento identitário nesse novo idioma e dos laços afetivos criados ou reforçados pela questão migratória que foram desenvolvidas atividades com a turma de migrantes de 13 diferentes nacionalidades que participam do projeto de extensão.

Laços em nós: língua que acolhe

As propostas foram pensadas juntamente com as temáticas dos dois saraus que ocorreram no primeiro e segundo semestres de 2019, e foram neles apresentadas.

Para o projeto, os saraus podem ser considerados tradição. A cada semestre acontecia um momento de trocas mais do que especiais: cada pessoa levava comidas, bebidas, roupas e músicas do seu país de origem e, nos campi da Universidade FEEVALE – já tendo acontecido nos câmpus I e II –, a noite ganhava cores de bandeiras e sons de línguas diferentes. Explicar esses momentos tem lá sua dificuldade. Nessas interações interlinguísticas e interculturais, a memória e o sentimento ultrapassam as palavras, e, quando as buscamos, a saudade aperta o peito.

Além de tudo o que esses saraus já oportunizavam, em 2019 a proposta teve um acréscimo: que temáticas fossem trabalhadas ao longo dos semestres e expostas como assunto principal de cada sarau. Missão dada foi missão cumprida e cumprida – seis meses de preparação para cada sarau, sem perder o teor interdisciplinar e os conteúdos abordados nas oficinas do projeto.

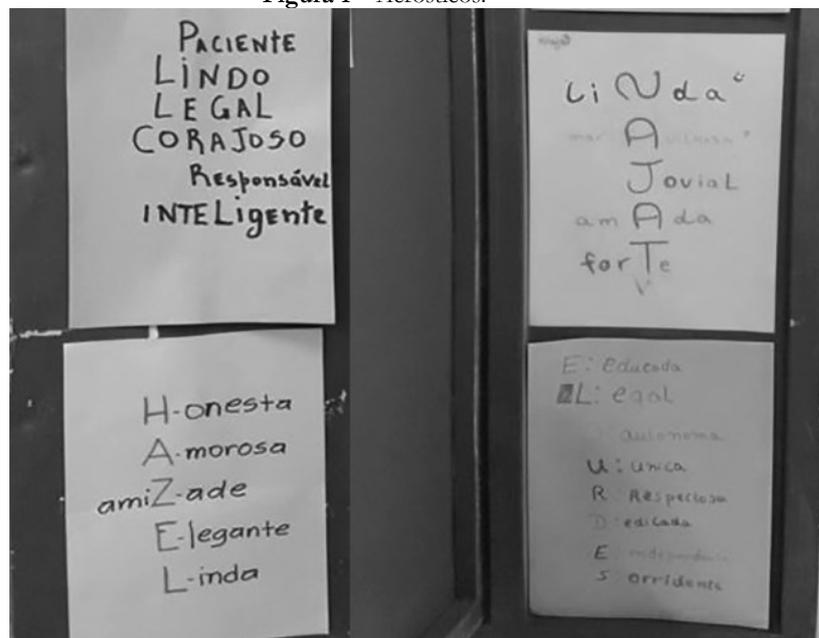
Para o primeiro sarau, que aconteceu em junho, o tema foi “NÓS”. Os nós que atamos, com força e confiança, entre nós, entre gente que está com a gente. Com base neste, o segundo sarau trouxe o assunto “LAÇOS” – os físicos e afetivos, a fim de enfatizar a importância do acolhimento através da língua.

A preparação para o primeiro sarau do ano começou na primeira oficina de 2019, com um rolo de barbante. Em pé, em um círculo, cada pessoa pegava uma parte do barbante, se apresentava e jogava o rolo para outra pessoa. A estrela de nós que se formou enquanto uma pessoa conhecia outra trouxe a mensagem que acompanharia o grupo antes, durante e após o sarau para o qual foi planejada: cruzamos os caminhos uns dos outros e nós são atados em nós, emocionalmente, quando nos relacionamos com as vivências um do outro.

Nas oficinas seguintes, algumas etapas foram sendo seguidas até o que seria a produção do trabalho final, que revela que, para entendermos nossos “nós”, precisaríamos entender a nós mesmos e reconhecermos nossa identidade, expondo-a na língua falada pela sociedade em que vivemos.

Para isso, o primeiro passo foi a criação de um acróstico. Escrevendo os próprios nomes em uma linha vertical, os migrantes tiveram contato com novos vocabulários: os adjetivos. Debatendo sobre os que foram citados e trazidos em aula, afirmavam: “Esse tem a ver comigo. Aquele não tem.” Montando suas visões sobre si mesmos, finalizaram a tarefa com brincadeiras, explicando para a turma o porquê de cada escolha. A Figura 1 traz a exposição dos acrósticos meses após suas confecções, no sarau “Nós”.

Figura 1 – Acrósticos.

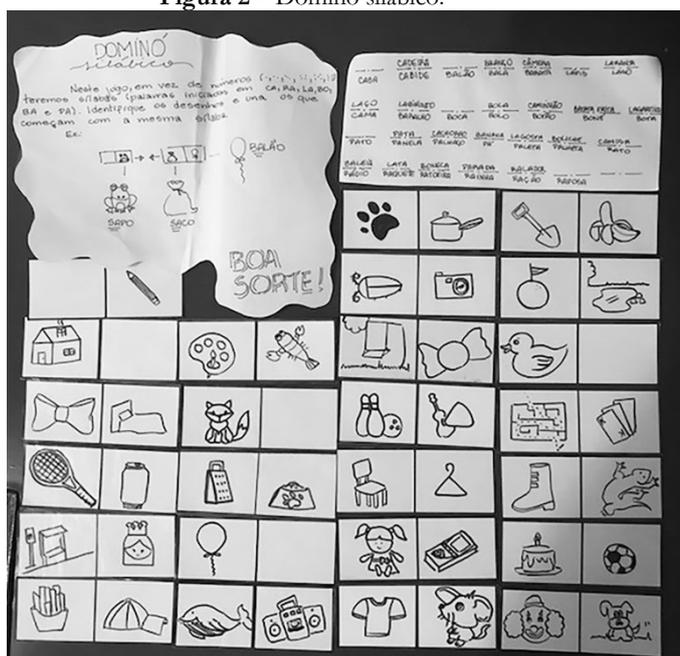


Fonte: Fotografia das autoras.

No encontro seguinte, o desafio foi outro: as acadêmicas de Letras que participavam do projeto naquele momento construíram o jogo “Dominó Silábico”. Isto é, em vez das bolinhas equivalentes a números de um a seis, estavam desenhados, nas peças, substantivos concretos que se iniciaram em seis diferentes sílabas. O modo de jogar era simples: o pato conecta-se à panela e o bolo conecta-se à bota. Com isso, ampliavam o vocabulário, compreendiam os sons do português e identificavam as diferentes sílabas. A aquisição do léxico auxiliaria na tarefa final.

Na aula, participam crianças e adultos, de 7 a 45 anos. As crianças, devidamente matriculadas em escolas brasileiras, jogaram no mesmo “time” de suas famílias. A noite foi de brincadeiras, risadas e debates sobre cada desenho. Muitas vezes as crianças disseram a resposta correta aos adultos, uma vez que tiveram contato com tal objeto no ambiente escolar. “Isso é boliche, mãe!”, afirmou uma menina colombiana de 10 anos. A Figura 2 mostra as peças do jogo de dominó, que foi produzido na disciplina de graduação de Análise e Produção de Material Didático, corroborando Tardif (2008), ao dizer que, numa disciplina, aprender é conhecer. Mas, numa prática, aprender é fazer e conhecer fazendo.

Figura 2 – Dominó silábico.



Fonte: Fotografia das autoras.

Nas aulas seguintes, os migrantes conheceram poemas sobre autorretratos de autores como Juca Chaves, Cecília Meireles e Mário Quintana. Identificaram os estilos e a forma em que as características eram trazidas e planejaram, em seguida, o que fariam sobre si mesmos e de que maneira. Por não terem o português brasileiro como sua língua materna e pelo tempo no Brasil de cada um ser diferente – uns há 18 anos e outros há 1 mês de residência no País-, alguns optaram por escrever o poema primeiro na língua que mais dominavam. Estes, quando passaram o poema para o português, tiveram um processo de tradução livre, e não literal, que manteve a sonoridade e as rimas desejadas. A Figura 3 mostra o resultado das produções de dois migrantes durante as oficinas.

Figura 3 – Autorretratos poéticos.

<p>MEUS SENTIMENTOS Eu não sei se estou bem Mas estou contente por existir Eu vivi muitas experiências Eu não posso enumerá-las</p> <p>Todos os dias são uma passagem Eu aprendo a me tornar cada vez mais sábio Eu nasci em 1997 Eu queria contar os bons momentos Mas sequer encontrei sete</p> <p>Eu amo a vida e vou vivê-la Eu detesto álcool e nunca ficarei bêbado Eu faço um monte de esforço para me manter feliz É difícil de pronunciar o sobrenome Erinold Eu sou Pierre</p>	<p>TENHO ORGULHO DISSO Eu vim tarde demais para um mundo muito velho Mas assumi a minha vida</p> <p>Menina preta, de tamanho médio Estou orgulhosa de mim mesma Independente, calma, respeitadora, sentimental Estou orgulhosa de mim mesma</p> <p>Haitiana apesar dos rumores Estou sempre orgulhosa de mim mesma Mesmo que eu apegue para baixo Estou mais do que orgulhosa de mim mesma</p> <p>Vi a minha vida como um conto de fadas Porque assumi minha vida Graças a Deus me ter criado assim Estou orgulhosa de mim</p>
--	---

Fonte: Acervo das autoras.

Laços em nós: língua que acolhe

Mantendo o teor indisciplinar comum ao projeto, a oficina de Língua Portuguesa posterior, em união à de Fotografia/Criatividade, produziu autorretratos fotográficos. Os migrantes puderam levar roupas e itens que acreditavam reforçar suas personalidades e gostos. As atividades até então giraram em torno dos autorretratos e estavam, portanto, centralizadas no “eu”. A união dos “eus”, por sua vez, deu origem ao sarau Culturas do Mundo: Nós, no qual foram expostas todas as produções do semestre, além de trazer a diversidade de cores, ritmos e sabores de cada país.

Para o segundo sarau do ano, língua e sentimento foram valorizados novamente. O título seria “Laços”, que traria à mente tanto os laços afetivos quanto os laços físicos que são amarrados para decoração, uma vez que, metaforicamente, “nós” são sinônimos de união, de laços que se unem. Assim, na primeira oficina após o sarau “NÓS”, algumas expressões foram apresentadas aos beneficiados. Entre elas, “dar corda”, “ficar na linha” e o principal: “criar laços”. Depois do debate sobre expressões idiomáticas, o assunto foi outro, que logo se relacionaria aos laços: minicontos.

Uma série de minicontos, escolhidos a partir de Dantas (2015), foi mostrada para a turma, incitando uma análise sobre o que são minicontos. A turma chegou à conclusão de que são contos com poucas palavras, que podem ou não ter título e rimas e, nos exemplos debatidos, faziam referência a alguma temática – nesse momento, o assunto anterior voltou à tona: poderiam produzir minicontos sobre os laços afetivos já criados, expressando a intensidade das emoções a que eles remetem?

As escritas impressionaram a professora e a bolsista do curso de Letras, que viram, nas palavras das crianças e dos adultos, fortes vínculos em poucas palavras. Para o participante natural da Venezuela de nove anos, o laço que o marcou foi com seu *hamster*, que havia falecido. A mãe do menino falou sobre o período da gestação, e sobre como havia criado um laço com ele enquanto ainda estava em sua barriga. Um homem turco falou sobre o laço que criou com a sociedade brasileira, que o recebeu com carisma.

O trabalho não havia terminado por aí. Após a produção dos minicontos, receberam outro desafio: com o material disponível – tecidos, fitas, grampos, folhas e cola – deveriam criar laços físicos, que decorassem os laços afetivos descritos. Laços grandes, pequenos, de uma só cor e coloridos foram grampeados às produções escritas. A Figura 4 mostra duas criações selecionadas.

Figura 4 – Minicontos e laços.



Fonte: Acervo das autoras.

A menina venezuelana de sete anos conta que, apesar da dificuldade de deixar seu país de origem, a recepção brasileira iluminou os momentos complicados pelos quais passava. Assim, sua produção conta: “tem chuva, muita chuva, mas sempre vem o sol.”

Já uma mulher venezuelana quis falar sobre a sua família, e escreveu: “Eu tenho um laço forte com pessoas que não conheço.... como? Genealogia.”

Assim como aconteceu no semestre anterior, os trabalhos foram expostos no sarau, que teve como título “Culturas do Mundo: Laços”, em uma noite onde alunos da graduação, com horas práticas, propuseram o jogo de brincadeiras brasileiras a todos e crianças do quarto ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal enviaram cartas aos beneficiados, em um jogo de “amigo secreto brasileiro”. Após lerem as cartas, os migrantes puderam respondê-las e guardar as recordações que traziam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, durante as oficinas que aconteceram em 2019, foram estudados gêneros textuais, adjetivos, substantivos concretos, tempos e modos verbais e outras questões linguísticas valorizando o conhecimento de mundo que os migrantes levaram para as aulas e seus sentimentos e identidade, em que a língua, de fato, acolhe. Da mesma forma, o projeto segue possibilitando a acadêmicos do Curso de Letras e de Artes Visuais, a partir da vivência extensionista, o seu desenvolvimento docente. Segundo Santos (2015, p. 4653), “a aproximação do professor em formação com o ambiente real da sala de aula pode vir a construir um processo de formação de professores mais sólido, íntegro e que acompanhe as mudanças sociais que envolvem as gerações.”

Laços em nós: língua que acolhe

As atividades realizadas, pensadas no português como acolhimento para o grupo que deixou seus países de origem para se abrigarem no Brasil, foram consideradas, pelas acadêmicas que participam do projeto, essenciais para o seu fazer docente. Nas palavras de uma das acadêmicas:

Eu entendo as aulas que tive na graduação de uma forma que não entenderia se só estivesse em livros. Entendo mais, hoje, graças à extensão, sobre a docência na prática, as surpresas da sala de aula e a importância do vínculo professor-aluno. Também me sinto mais preparada para produzir e utilizar com mais propriedade materiais em sala de aula (acadêmica de Letras).

Além disso, a vivência extensionista originou diversas pesquisas, dentre elas uma que trata sobre interferências interlinguísticas da língua materna na aquisição do português brasileiro, que está em desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1999.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** 4. ed. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BROLEZZI, A. C. **Empatia na relação aluno/professor/conhecimento.** Encontro: Revista de Psicologia, Santo André, Centro Universitário de Santo André, v. 17, n. 27, p. 123-131, 2014.
- COGO, D.; BADET, M. **Guia das Migrações Transnacionais e Diversidade Cultural para Comunicadores – Migrantes no Brasil.** Bellaterra: InCom-UAB/IHU, 2013.
- DANTAS, C. S. B. **Minicontos: uma prática de letramento emergente na escola.** 2015. 130f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - Profletras/CN) - Centro de Ensino Superior do Seridó - CERES, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.
- FARENA, M. N. F. C. Algumas notas sobre direitos humanos e migrantes. **Jura Gentium:** Rivista di filosofia del diritto internazionale e del la politica globale,. Disponível em: <https://www.juragentium.org/topics/migrant/pt/ferretti.htm> Acesso em: 20 jul. 2021.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MANCHUR, J.; SURIANI, A. L. A.; CUNHA, M. C. **A contribuição de projetos de extensão na formação profissional de graduandos de licenciaturas.** Revista Conexão UEPG, Ponta Grossa, v. 9, n. 2, 2013.

Laços em nós: língua que acolhe

SILVA, A. R. **A contribuição da extensão na formação do estudante universitário**. Brasília. 2010. 96 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Brasília. Brasília: UCB. 2010.

SANTOS, C. A. O.; SILVA, C. C. F.; OLIVEIRA, A. B. C. M. **FORMAÇÃO DE PROFESSORES: O DESAFIO DA PRÁTICA. Formação de professores: contextos, sentidos e práticas**, [s. l.], 2015. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23961_13445.pdf Acesso em: 13 jul. 2021.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

Recebido em: 17/08/2021

Aceito em: 17/12/2022